

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar-2007/2008

Palácio do Planalto, 27 de junho de 2007

Meu querido companheiro José Alencar, vice presidente da República,
Deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Minha querida companheira Marisa,
Senhores ministros Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,
Reinhold Stephanes, da Agricultura,

Companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Companheira Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de
Promoção da Igualdade Racial,

A nossa governadora Ana Júlia, que levantou e foi na minha sala,
certamente está com uma pauta de reivindicação,

Senadores presentes, tem muitos senadores e só tem a nominata de
um, se eu citar um, tenho que citar todos, então, senadores e senadoras aqui
presentes,

Companheiros e companheiras deputados e deputadas federais,
Meu companheiro Antonio Francisco de Lima Neto, presidente do Banco
do Brasil,

Roberto Smith, presidente do BNB,
Abdias José de Souza Júnior, presidente do Banco da Amazônia,
Silvio Crestana, presidente da Embrapa,
Meu caro Rolf, presidente do Incra,
Meus amigos e amigas, signatários dos termos de cooperação técnica,
Senhores e senhoras representantes de cooperativas e entidades da
agricultura familiar,

Companheira Maria Pereira dos Santos, e meu caro Daniel Bruno,
Senhores e senhoras agricultores,
Meus amigos e minhas amigas,
Companheiros, tem mais lista aqui, duas nominatas em vez de uma. O

cara que lê a nominata pode ser candidato a vereador nas próximas eleições porque o discurso é mais longo do que o que vocês fizeram aí.

Meu caro Adoniram Sanches Peraci, secretário de agricultura familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário,

Meu companheiro Manoel dos Santos, presidente da Contag, Confederação dos Trabalhadores na Agricultura,

Meu companheiro Márcio Lopes de Freitas, presidente da OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras,

Senhora e companheira Elisângela Araújo, coordenadora da Fetraf, Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar,

Senhor José Silva Soares, presidente da Asbraer, Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural,

Senhor José Aldo dos Santos, coordenador da rede Ater Nordeste,

Senhor José Paulo Crisóstomo Ferreira, presidente da Unicafe, União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária,

Senhora Lecian Conrad, da Direção do Movimento dos Pequenos Agricultores,

Companheiros e companheiras,

Mulheres e homens,

Companheiros e companheiras do Incra,

Trabalhadores do nosso querido País.

Eu tenho pouco tempo para falar porque nós temos que ir para Minas Gerais, eu tenho que pegar o voo às 14 horas e a dona Marisa está aqui na fiscalização, porque eu preciso ir em casa ainda. Mas eu queria dizer umas poucas coisas para vocês.

Primeiro, companheiros do Movimento dos Pequenos Agricultores da Fetraf e da Contag, a democracia é uma coisa extraordinária, a democracia permite, ao contrário do que muita gente pensa, que tem que juntar, muitas vezes ela separa. Então, muitas vezes ela separa porque as pessoas estão num processo de formação, num processo de aprendizado, e vocês viram que o programa aqui é para agricultura familiar. Nós temos três entidades representativas dos agricultores familiares aqui, quando alguém poderia teoricamente dizer: por que não tem apenas uma? Não tem apenas uma

porque ainda não se chegou à conclusão de que tem que ter apenas uma.

Eu estou dizendo isso, porque essa riqueza da diversidade política do Brasil é uma coisa que nós precisamos admirar em vez de rejeitar. É uma coisa que nós precisamos aprender a gostar em vez de achar ruim, e eu sei que muitas vezes tem divergências entre os próprios companheiros, entendimento diferenciado na questão das cooperativas. Eu me lembro, companheiro Manoel, que quando tomei posse, a primeira coisa que fiz foi determinar ao Banco Central que liberasse cooperativas neste País, imaginando que a gente ia crescer, ia criar 1 milhão de cooperativas, e não criamos 1 milhão de cooperativas. Por que não criamos? Porque a sociedade brasileira ainda não estava preparada para criar cooperativas e elas não podem ser criadas de cima para baixo, porque se a gente tentar criar uma cooperativa de cima para baixo, ela acaba na mesma rapidez com que nasceu. É preciso, então, que seja um processo de amadurecimento, que as pessoas compreendam a necessidade de ter essa cooperativa para criá-la.

Tem um projeto no Congresso para definir essa questão, se vai estar todo mundo junto ou não. Você quer saber? Eu acho que a agricultura familiar deveria ter uma cooperativa, os empresários deveriam ter outra. Mas tem gente que pensa o contrário e, talvez, não seja pior do que eu, talvez seja igual a mim ou até melhor do que eu. É um direito, e nós vamos esperar que o jogo de pressão e de debate no Congresso Nacional aprove aquilo que for melhor para o conjunto dos produtores agrícolas brasileiros, envolvendo os empresários e envolvendo a agricultura familiar.

A terceira coisa importante são as pautas de reivindicação. Eu estava vendo os companheiros falarem, depois ouvi o Guilherme falar e eu imaginei que os que falaram, fossem falar das coisas que o Guilherme falou. Houve uma inversão da pauta, porque o dado concreto é que as conquistas sociais acompanham um pouco o avanço tecnológico da humanidade. Por que todo ano uma empresa tem que lançar um carro novo? Por que todo ano tem que ter uma geladeira nova? Às vezes não muda muita coisa, mas tem uma peça diferente, tem um design diferente que é para oferecer um produto novo. Por isso que carro muda todo ano. Às vezes você compra um Gol neste ano, um carro da GM ou um carro da Fiat, qualquer carro e, no ano seguinte, vai comprar um outro carro, você pede o mesmo e já tem um modelo novo, três,

quatro mil reais mais caro. Você paga e fica procurando “o que tem de novo aqui?” Tem uma peça, tem duas peças, tem uma luz, aquela que acende para dar sinais à noite, aquela vermelha, alguma coisa.

A pauta de reivindicação também é assim. Agora, quando a gente quer fazer uma pauta de reivindicação nova, a gente não pode perder que, mesmo tendo avanço tecnológico, a essência do carro é o carro. A peça nova é apenas um componente. E por que eu estou dizendo isso? É porque, companheiros trabalhadores rurais, o Plano Safra deste ano é uma conquista extraordinária de vocês, não é minha. É uma conquista dos trabalhadores rurais deste País, é uma conquista exuberante pela forma como vocês se organizaram, pela forma como vocês conquistaram – não com subordinação, mas com autonomia – o direito de conversar com o governo. O companheiro Dulci, que cuida disso junto com o Guilherme, sabe quantas reuniões ele faz com vocês durante o ano para ir preparando, para a gente chegar na situação em que nós chegamos. E, para minha surpresa, Manoel, ontem fui dormir com uma taxa de juros e acordei hoje com uma taxa de juros menor. Até a Fazenda está compreendendo a necessidade de flexibilizar a questão da agricultura neste País. Essa foi uma conquista que o Reinhold teve ontem à noite. Ora, já que vai dar para outro, estende para todo mundo. Como nós já tínhamos feito o acordo com vocês, vamos estender para vocês as coisas.

O desafio que está colocado para nós, companheiros, e essa coisa vale para mim, é que quando eu deixar a Presidência da República, um dia nós vamos nos encontrar em algum lugar deste País e vamos fazer um balanço do que nós conquistamos e do que nós não conquistamos, do que nós avançamos e do que nós não avançamos. Nós precisamos trabalhar com isso, porque é isso que vai politizando a sociedade, é isso que vai mostrando para o trabalhador a necessidade de fazer uma pauta nova a cada ano.

Eu acho extraordinário esse avanço tecnológico da pauta de reivindicação. Eu fui sindicalista por 30 anos e eu fazia assim também. Se eu ganhasse 10% neste ano, eu queria mais 5% no ano que vem, e se ganhasse mais 5%, eu queria mais 2%. Eu compreendo que é assim, acho que tem que ser assim e quero que vocês saibam que este governo jamais achará ruim que vocês, a cada ano, apresentem uma coisa nova. É de conquista em conquista que a gente vai consolidando o processo democrático deste País, que a gente

vai consolidando uma relação nova entre o Estado e a sociedade, entre o governo e as entidades organizadas da sociedade, entre o governo e o povo. Se não for assim, fica numa mesmice chata, que não deu certo em muitos anos. Vocês sabem que eu sou amigo da grande maioria das pessoas, amigo íntimo até, e que eu nunca pedi para um companheiro: “não reivindique isso”. Nunca.

Agora, o que nós precisamos compreender é que é humanamente impossível, em quatro, oito ou 12 anos, fazer coisas que às vezes levam décadas, levam séculos para fazer e nós precisamos começar a construir essa coisa. Vamos ver um exemplo aqui. Quantos hectares de terra foram desapropriados para a reforma agrária em oito anos do governo passado? Vinte e dois milhões de hectares em oito anos do governo passado? Vinte e dois milhões de hectares em oito anos. Quantos foram desapropriados em quatro anos do meu mandato? Trinta e dois milhões de hectares. É uma diferença enorme, há uma diferença substancial. Quando é que os companheiros do Incra imaginavam entrar para fazer protesto no Palácio do Planalto? E entram, porque enquanto eu for Presidente, os companheiros do Incra podem gritar aqui ou pode gritar lá fora, mas na hora de fazer acordo, têm que sentar à mesa de negociações e fazer o acordo que é possível fazer.

Essa grandeza da democracia nós precisamos aprender a admirar, porque eu acho normal os companheiros, Mané, que tiverem em você o seu porta-voz, é importante que digam para você que no nosso mandato o reajuste que demos foi, em média, de 60%. Algumas categorias pegaram 60% e outras pegaram 40%, e isso é número. E fizemos um plano de carreira que aprovou a contratação do número que o Guilherme falou, e já contratamos mil e 800. Agora, aqui no governo federal, Mané, é assim: quando você dá aumento para um, todos querem. E a nossa folha de pagamento tem um limite, porque se eu gastar tudo com folha de pagamento, eu não tenho dinheiro para fazer o Plano Safra, eu não tenho dinheiro para a assistência técnica, eu não tenho dinheiro para fazer os assentamentos. É preciso que haja compreensão.

Na negociação, tem um limite do possível. Isso se chama democracia, e nessa coisa de negociação, Mané, pode ter igual, melhor do que eu não tem, porque eu aprendi isso no chão de fábrica e todo mundo sabe que eu jogo muito aberto. Eu tenho dito publicamente. Noutro dia, eu dei uma entrevista e o

jornalista perguntou: “Mas, Vossa Excelência é sindicalista, o senhor está contra a greve agora?” Não. Não sou contra a greve, eu quero é regulamentar a greve. Ninguém pode ficar 70 dias sem trabalhar e depois receber pelos dias em que não trabalhou. É preciso receber pelos dias em que trabalhou. Eu fazia assembléia de 100 mil trabalhadores na Vila Euclides. Não eram 30, eram 100 mil, e eu dizia: se vocês quiserem que eu coloque na pauta os dias parados, não façam greve, vão trabalhar já.

Então, a única coisa que eu quero é tornar este País um país civilizado em que todo mundo tenha direitos e deveres, em que a gente possa acordar, sabendo o que vai acontecer. Agora, tem gente que quer fazer 90 dias de greve, não é possível. Perguntem por que o Ibama está em greve hoje? Eles não sabem, porque tiveram os aumentos que queriam. Estão em greve porque a Marina está propondo uma mudança entre a turma do licenciamento prévio e a turma dos parques. Estão em greve.

Então, companheiros e companheiras, eu vou dizer uma coisa, companheiro Mané: voltem para a sua terrinha, companheira Elisângela, sabendo de uma coisa. Nós ainda estamos longe de conquistar tudo aquilo que nós queremos, mas nós já conquistamos muito mais do que a gente sonhava conquistar em muitos anos, e sabemos que vamos construir um pouquinho a cada ano. E a gente tem que se aprimorar, do ponto de vista técnico, porque nós temos que ter uma coisa chamada utilização da multifuncionalidade da terra, diversificar a produção. Acabou aquela história do século passado em que o cidadão plantava apenas produtos de primeira necessidade para comer, como feijão e mandioca. As pessoas precisam aprender a plantar e a ganhar dinheiro, porque é o dinheiro que vai levar para a casa delas os benefícios.

Então, assistência técnica é para isso, e eu acho que nós estamos avançando também nessa área. É importante a gente não esquecer nunca que nós pegamos este País totalmente desmontado do ponto de vista da agricultura, vocês sabem como era. E eu acho que o Ministério do Desenvolvimento Agrário está fazendo um trabalho extraordinário junto com o Incra, e vamos continuar fazendo. Deus queira que continue assim: que todo ano vocês apresentem a pauta de reivindicação e que todo ano a gente possa atender o máximo possível, porque quando terminar o mandato... Eu estou vendo o Bianchini ali, que deixou o Incra, deixou o Ministério para ir trabalhar

no Paraná. Antes de eu ser presidente, Manoel, eu utilizava um número, que não sei de onde saía, que diziam assim para mim: “Presidente – não era presidente ainda – companheiro Lula, 800 mil famílias deixaram o campo”. E eu saía pelo Brasil falando: 800 mil famílias deixaram o campo, enquanto o governo só tinha assentado 200 mil. Desde que o Bianchini assumiu o Ministério, eu dizia: Bianchini, eu quero saber onde está este número. Um presidente da República, para citar números, tem que ter uma fonte, porque senão ele pode ser desmentido, tem que ter uma fonte. Até hoje eu não tenho esse número, mas o dado concreto, mas o que eu tenho na verdade, Manoel, o que eu tenho na verdade, companheiro da Contag, da Fetraf, companheiros dos pequenos agricultores e deputados, é visto na televisão: trabalhadores da indústria voltando para o campo por causa do crédito, por causa do Luz para Todos, por causa da compra de alimentos.

É importante lembrar que enquanto um pequeno produtor ou criador de vaquinha leiteira vende o litro de leite no mercado a 30 centavos de real, este governo paga 70 centavos de real o litro. Por isso é um programa de sucesso e é por isso que o alimento chega à escola.

Quando o Reinhold Stephanes foi escolhido para ser ministro, a primeira coisa que eu disse para ele foi o seguinte: Reinhold é preciso cuidar da Conab, porque o programa que ela tem junto com o MDA de compra de alimentos é uma coisa extraordinária, sobretudo para o povo mais pobre deste País e vocês serão fiscais para saber se melhorou ou piorou.

Companheiros e companheiras, eu só pude falar o que eu falei e só pude ouvir o que eu ouvi porque graças a Deus a democracia reina nos ares deste Palácio.

Muito obrigado.